

SOBRE “AGRADECIMENTOS E DESCULPAS”

Este é um filme sueco, de 2023, dirigido por Lisa Aschan com Sanna Sundqvist, Charlotta Björck. O filme inicia com Sara se arrumando e sorrindo. É o único sorriso que vai aparecer quase que no filme todo. Pode-se pensar que ela está se arrumando para uma noite com o marido, Daniel, porém ele a interrompe, falando que pretende dar um tempo na relação para pensar, viajando com um amigo. Logo se observa uma diferença de olhares para a vida. Aí já aparece uma dificuldade de comunicação, como se cada um vivesse em mundos paralelos.

Ela está no final da gestação e está dormindo na sala. Pela manhã, quando vai acordar o marido, percebe que ele está morto. Chama os sogros, Helen e o marido, José. Aparenta estar em estado de choque.

A cena seguinte passa para a irmã dela, Linda, que cuida do pai e vive com um cachorro e um namorado. Este parece bastante egocêntrico e, tal como Daniel, havia pedido um tempo na relação.

Helen, a sogra, se mostra bastante “dura”, dizendo que sabe como são as coisas porque é psicóloga. Parece querer cuidar e controlar tudo, chegando a ser invasiva. Esconde suas emoções atrás de uma fachada profissional, sempre julgando as atitudes dos outros. Chega a afirmar que a nora não está vivendo o luto da maneira adequada. Fica difícil respeitar os limites e as fronteiras entre os núcleos familiares (como diria Minuchin, 1990).

Quando Sara vai conversar com uma pastora sobre o funeral de Daniel, ela comenta a respeito de sua solidão, que ninguém vem visitá-la. Apesar de se sentir sozinha, ela também mantém o pai e a irmã afastados.

Depois de alguma dificuldade, consegue contar para o filho sobre o falecimento do pai. Ele já estava sentindo a tristeza presente e “cuida” da mãe, fazendo ela brincar com ele e fazendo com que ela gritasse pela primeira vez. A irmã Linda vai ao funeral escondida, e o seu cachorro ajuda na aproximação entre ela e o sobrinho. Sara ainda está totalmente fechada para ela.

Sara tem muita dificuldade de comunicação através das palavras, de expressar suas emoções, mas suas expressões faciais e corporais acabam comunicando bastante. Gergen (2010) novamente nos ajuda a compreender esta ideia:

A linguagem é apenas um componente de ações plenamente realizadas. Porém, evidentemente as palavras se fazem acompanhar de expressões faciais, posturas, movimentos corporais, gestos, etc. Tais ações corporais são vitais para o modo como as palavras irão funcionar. (p.49)

Por exemplo, quando Helen diz que vai morar com ela para ajudar, sua expressão é de muita contrariedade. Existem sorrisos forçados de ambas as partes. A sogra acha que sabe tudo, quer tomar conta de tudo e, quando a critica verbalmente, Sara perde a paciência e a agride. Indo para um grupo de atendimento junto à pastora, no início ela está muito cética com relação a essas conversas, mas, quando um senhor

**MARCIA ZALCMAN
SETTON**

*Instituto Sistemas
Humanos, São Paulo,
SP, Brasil*

comenta sobre as dificuldades com seu irmão e oferece um abraço acolhedor, pela primeira vez ela se permite chorar.

Quando novamente Linda vai visitar Sara e Eliot, fica brincando com o cachorro e Sara a convida para uma conversa. Começam a se aproximar. Sara a convida para morar com ela e ajudá-la. Dessa forma, também evita que a sogra venha morar com ela.

Essa aproximação é muito facilitada pelo filho, que está ficando muito encantado com a tia, pois ela é muito carinhosa. Ele expressa muito as emoções e também é bastante inclusivo em relação a todos os membros da família. Em um momento de fragilidade de Sara, a irmã a apoia. Num passeio com o menino e o cachorro, pela primeira vez, elas se dão as mãos – novamente a linguagem corporal se manifestando. Sara começa a contar intimidades para a irmã, referentes ao relacionamento com o marido. Parece que são assuntos que ela nunca pôde conversar com ninguém.

Quando o namorado de Linda vem cobrar o seu retorno para casa, Sara observa a dificuldade de Linda se posicionar e colocar limites. Acabam brigando fisicamente, o que as libera para falar das mágoas antigas, da infância, quando os pais se divorciaram e Linda foi morar com o pai, enquanto Sara ficou com a mãe sem escolha, pois tinha 10 anos. Ela se sentiu abandonada pelo pai e pela irmã que, mais velha, parece que era uma figura protetora para ela. Parece que o pai, apesar do uso do álcool e das dificuldades no manejo da casa, era mais afetuoso, enquanto a mãe parece que tinha ficado ressentida com a separação, o que a impediu de manter algum contato posterior.

Sandra Fedullo Colombo (2011), em seu texto “*Separação ou abandono?*”, afirma que:

Todo caminhar pela vida é um longo aprendizado de se juntar e se separar... Quando a separação não é autorizada, ela vem com a conotação de abandono, quebra de uma lealdade, trazendo a vivência do perigo da morte. (p.72)

Podemos lembrar dos conceitos desenvolvidos por Borzomenyi-Nagy (2001) a respeito das lealdades familiares e como cada filha foi leal a um dos pais, resultando no afastamento de ambas a partir do divórcio.

Mais uma cena tocante foi no enterro das cinzas do Daniel, que o filho traz a urna, leva uma lanterna, caso ele tenha receio da escuridão, e uma banana, caso ele tenha fome. Essa cena nos mostra a dificuldade cultural de conversar com as crianças sobre a morte, sobre o luto e como elas têm um modo próprio de lidar com esse assunto.

Sara vai a uma consulta com a parteira e se emociona muito com o batimento do coração da filha. Percebe que esteve tão envolvida com a própria dor que esqueceu da existência da nenê.

Na cena seguinte, quando Linda não aparece para pegar Eliot na escola, e justifica por uma emergência com o pai, Sara se sente abandonada novamente, sem poder escutar a imprevisibilidade do momento. Na construção de mundo de Sara, segundo o conceito desenvolvido por Mony Elkaïm (1990), qualquer falha seria compreendida como abandono, pois essa era a única opção possível. Havia um pedido oficial de aproximação, mas, ao mesmo tempo, uma construção do significado do abandono de que ela tinha sido vítima. Mony Elkaïm (1990) nomeia este paradoxo de duplo vínculo recíproco: “*uma pessoa pede à outra alguma coisa que ela simultaneamente espera e que não chega a crer possível.*” (P.16) Dessa forma, se justifica um novo afastamento.

Michael White (2012) nos conta que, quando “*as pessoas se envolvem pela primeira vez em conversações para reconstruir as histórias de suas vidas, parece que, com frequência estão se afastando do familiar e embarcando em jornadas rumo a novos destinos, mas sem mapas.*” (p.90) Isso pode ser muito assustador, causando um

afastamento desse novo caminho. Também, Sara não tinha o apoio de sua sogra em relação à irmã, pois Helen a considerava irresponsável.

Neste mesmo momento, o menino acha que a tia faleceu, pois era a história, a referência que ele estava construindo para as pessoas que desapareciam, era a sua vivência. Gergen nos fala que *"tudo que consideramos real é resultado de uma construção social"* (p.20). Se a família não oferecesse novas interpretações, era essa que prevaleceria para ele.

Pouco tempo depois, Sara entra em trabalho de parto, indo para o hospital. Ao saber do sumiço dela, Helen procura imediatamente a irmã, como apoio, como alguém com quem dividir a preocupação e a incluir na busca. Pela primeira vez, ela permite mostrar sua vulnerabilidade, reconhecendo que ela pode ter sido hostil com as duas e afirmando que, apesar de psicóloga, também era "humana". Quando diz que em momentos de crise as pessoas procuram pessoas e lugares seguros, Linda consegue escutá-la e lembra de um lugar com balanços que elas frequentavam quando pequenas.

Para mim, essa cena foi a mais marcante do filme. O ponto de virada. De fato, Sara lá estava, em trabalho de parto. Fala do receio de que a nenê seja parecida com o Daniel, algo que ela não suportaria. Quando a irmã fala que elas não são parecidas com os pais, Sara discorda e diz que ela é igual ao pai, egoísta, impaciente e amarga com a vida, ao que Linda comenta que é também gentil e engraçada como ele. Mas Sara completa – afasto todo mundo, estou sozinha como ele. Nesse momento de profunda crise, ela consegue fazer uma reflexão a respeito de si mesma. E, quando a irmã fala que não é parecida com a mãe, Sara discorda, dizendo que ela é boazinha com todo mundo, insegura e com medo de conflitos.

Nesse momento, Helen consegue respeitar as duas à distância, observando o abraço reparador entre elas. Indo para o hospital e aguardando a emergência do parto, Helen e Linda se aproximam, apoiando-se mutuamente, no risco presente. Elas passam a se sentir pertencentes à mesma família. Quando a nenê nasce, Sara inclui Helen, oferecendo para ela segurar a neta no colo. Foi uma alteração profunda, pois antes uma não conseguia reconhecer a dor da outra.

No final do filme, Linda leva o pai para ver Sara e conhecer a neta, mas ele também não consegue ficar muito tempo com elas, afastando-se.

REFLEXÕES FINAIS

Este filme ilustra vários temas que encontramos na prática clínica. Poderíamos dizer que é um filme sobre reparações de mágoas muito antigas, assim como de revelações de segredos, tais como o neto não saber que tinha mais um avô e ela não saber que a alergia a cachorros era uma invenção da própria mãe.

Como Sara era uma criança quando o pai sumiu de sua vida, não foi possível elaborar esta perda, pois também a família não conseguiu ampará-la. Para ela, sempre foi difícil lidar com as emoções, pois precisava sobreviver. Além disso, pode-se dizer que a cultura local não favorece essa expressão espontânea dos sentimentos.

Como nos conta Gergen (2004),

"as palavras que usamos se encontram embutidas em sistemas de regras ou em convenções compartilhadas.... uma vez que uma pessoa faça parte de uma convenção local, sua liberdade de expressão fica limitada." (p. 25,26)

Também pode-se dizer que é um filme sobre a complexidade do relacionamento de mulheres, pois os homens são sempre coadjuvantes, ao longo de todo o percurso.

Os homens ficam presentes, especialmente pelas suas ausências. Um filme com inúmeras delicadezas, respeito, mas também com muita dor contida, sem possibilidade de expressão.

REFERÊNCIAS:

- Borszormenyi-Nagy, I.B.; Spark, G.M.** (2001) *Lealtades Invisibles*. Buenos Aires: Amorroutu.
- Colombo, S. F.** (2011). Separação ou Abandono? In: Osorio, L.C.; Valle, M.E. P.; *Manual de Terapia Familiar*, vol. II. Porto Alegre: Artmed.
- Elkaim, M.** (1990). *Se você me ama, não me ame*. Campinas, SP: Papirus Editora.
- Gergen, K. J. & Gergen, M.** (2010). *Construcionismo Social: Um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Noos.
- Minuchin, S.** (1990). *Famílias Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- White, M.** (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Porto Alegre, RS: Pacartes.
-

MARCIA ZALCMAN SETTON

Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP; Especialização em Terapia individual, de casais e famílias; clínica particular. Sócia e Professora no Instituto Sistemas Humanos; Supervisora no CEAF, (Centro de Estudo e Amparo à Família); Membro da Diretoria Executiva da APTF (Associação Paulista de Terapia Familiar), na gestão 2020/2022; Primeira Secretária da Diretoria Executiva da ABRATEF (Associação Brasileira de Terapia Familiar), na gestão 2022/2025. Certificação Internacional em Práticas Dialógicas e Colaborativas (ICCP).

<https://orcid.org/0009-0009-0337-0801>

E-mail: mzsetton@gmail.com